

O HOMEM LIVRE

Os crimes nojentos do fascismo

A monstruosidade do processo pelo incêndio do "Reichstag"

Está já demonstrado a sociedade que o processo de Leipzig não passa duma macabra comédia organizada pelos fascistas alemães para, assassinando quatro vítimas inocentes, se livrar da pécha de um crime pelo qual todo o mundo os responsabilizou.

O protesto vocemente da opinião pública da Europa e da América, como também a posição assumida por uma parte da própria intelectualidade burguesa contra a infâmia e o cinismo do hitlerismo, já deram por julgado o processo.

As conclusões da "Comissão Internacional de Inquérito sobre o incêndio do Reichstag", da qual participam elementos burguesíssimos, como D. N. Pritt, King's Counsellor (Conselheiro do rei) da Inglaterra, o prof. Luis Jimenes de Asúa, da Universidade de Madrid, o deputado francês Gaston Bergery e o antigo "Premier" italiano Francisco Nitti, acusam — baseando-se em documentos irresponsáveis, — os chefes do nazismo, e particularmente os ministros Goering e Goebbels, como responsáveis pelo incêndio do Parlamento alemão.

O deputado comunista Torgler, que se apresentou espontaneamente às autoridades para ser julgado de um crime praticado pelos seus acusadores, e os refugiados búlgaros Dimitrov, Popov e Tariev são apenas os bodes expiatorios duma maquinação tenebrosa, sem precedentes nos anais judiciários e na historia da reação capitalista.

Os quatro acusados ofereceram alibis que demonstram até aos cegos a sua não participação na destruição do Reichstag.

Nenhum deles, antes de ser preso, sabia da existência de Marinus Van der Lubbe, essa enigmática personagem, cujo papel aparece agora mais do que nunca como sendo o de provocador.

Mau grado as torturas sofridas (ficaram durante cinco meses algemados dia e noite!) as vítimas da sanha fascista não se cansaram e não se cansam de proclamar a própria inocência.

Essa inocência demonstra e proclama o protesto de todos os homens de bem, desmanchando assim por completo a imunda "mise en scène" do governo nazista.

A própria "justiça" hitlerista não pode furtar-se ao dever de ensaiar uma defesa qualquer, diante das provas insofismáveis apresentadas pelas "Comissão Internacional de Inquérito. O "procurador geral do Reich", Werner, viu-se forçado a discutir diretamente com Romain Rolland e com o advogado sueco Branting.

Mas os nazistas, que souberam tão bem arranjar o serviço do incêndio, para terrorizar o eleitorado conservador e pequeno-burguês, e pôr, ao mesmo tempo, fóra da lei, os partidos do proletariado, não tiveram sorte igual com o ultimo ato da miserável comédia. O diabo que sabe fazer a tigela nem sempre é capaz de pôr-lhe a tampa...

O governo nazista organizou o processo com todos os cuidados dos malfeitores mais experimentados, mas não previu o desfecho do mesmo. Com efeito, foi o processo de Leipzig que arrancou definitivamente a mascara dos criminosos assentados no poder e destruiu o castelo de papelão armado

pela magistratura "ariana" com o fito de sepulturar eternamente a verdade.

Tanto assim que, ao verem-se descobertos com a mão no saco, os governantes da infeliz Alemanha não acharam outro recurso senão mandar prender e expulsar jornalistas estrangeiros de diversas nacionalidades, inclusive o correspondente de um diário brasileiro, e adiar o processo.

Van der Lubbe, o personagem central do plano arquitetado do qual se falou a valer logo depois do incêndio, acabou de língua atada diante dos juizes, isto é, quando era mister esclarecer os homens da "justiça" e o mundo.

Por que essa esfinge emudeceu? Teria sido o remorso? Ou, como muitos pensam, a polícia hitlerista reduziu Van der Lubbe a um boneco inconsciente, com o auxilio de poções entorpecentes, para impedi-lo de dizer como se passaram os fatos na realidade.

A esse respeito, os telegrammas procedentes da mesmíssima Alemanha são sobremaneira impressionantes. Um deles, do dia 26 do mês passado, dizia o seguinte:

LEIPZIG, 26 (H.) — A audiência de hoje, do Tribunal Superior do "Reich" que está julgando os implicados no processo relativo ao incêndio do "Reichstag", foi curta, mas fértil em surpresas.

O presidente, sr. Bungler, declarou que a "passividade" do acusado Van der Lubbe exigia a modificação do processo até agora seguido pelo Tribunal. O juiz de instrução e os policiais que tomaram parte no inquerito deporão depois do acusado, sempre que o presidente julgar necessário.

Van der Lubbe sentou-se numa cadeira, colocada no centro do pretório, ladeado de seu advogado e do interprete holandês.

O presidente convida o acusado a explicar como empregou o tempo antes do incêndio. Van der Lubbe não dá mostras de reação e continua prostrado. O presidente arranca-lhe algumas palavras pensosamente."

Depois disso, achamos que não é preciso acrescentar mais nada.

Agora, ao lado da atitude equivocada de Marinus Van der Lubbe, ressaltam a coragem e a altivez de Dimitrov, de Popov, de Taniev e de Torgler. Os quatro acusados, sobre cuja cabeça paira a ameaça de morte, mais do que a própria pessoa, defenderam perante o tribunal o seu partido. As declarações de Dimitrov repetem as declarações de Eugênio Leviné diante dos juizes de Munich e as palavras de todos os verdadeiros militantes da causa dos oprimidos.

Terminou ele o seu depoimento com esta profissão de fé: "Sou revolucionário proletário, membro do Comité Central do Partido Comunista búlgaro e do Comité Executivo Internacional Comunista. Estou nessa qualidade pronto a assumir todas as responsabilidades dos meus atos e dos atos do meu Partido. E, porém, precisamente, por essa razão que não sou um vulgar aventureiro nem um terrorista. Sou apenas partidário da revolução proletária unica que pôde resolver a situação mundial."

As palavras desse heróico trabalhador devem ter calado fundo no coração dos proletários alemães. Elas constituem a primeira afirmação antifascista feita na Alemanha, depois da tomada do poder pelos hitleristas.

Por isso Dimitrov, inocente, está desde já condenado pelos assassinos nazistas, cobertos da roupagem de juiz. A menos que os homens livres do mundo e todos os que cultuam a coragem e a nobreza de alma não se levantem contra o novo crime preparado pelos asseclas de Hitler.

Refutando uma afirmação covarde desse miserável cabotino que é Bernard Shaw, segundo a qual não cabe a estrangeiros intrometer-se num processo em que os reus não são seus compatriotas, miss Wilkinson exclamava, ha dias, que "os direitos da justiça não conhecem fronteiras".

E temos o orgulho de ter sido no Brasil, entre os poucos, para não dizer os unicos, a levantar uma voz de protesto contra esta infâmia fascista e de solidariedade para com Dimitrov e os seus camaradas, quando os próprios companheiros de partido deles não souberam fazer outra coisa senão ca-



"Heil Hitler!" (Haagsche Post.)

lar lamentavelmente. Onde foram parar aqueles que tanto se comoveram por Ferrer, por Sacco e Vanzetti e por Matteotti? Onde aqueles que se bateram contra as mais clamorosas injustiças destes ultimos anos? Tendes a boca cheia de frases sonantes, sabeis tão bem falar em Liberdade, em Fraternidade, em Justiça, si o perigo está longe, mas agora é que é preciso falar!

O TERROR HITLERIANO

Como foi organizado o incendio

O livro é francamente polémico e está redigido com vigor e realismo cicero-nianos. E, si os acontecimentos que lhe urdem a contextura reavivam mais a época da conspiração de Cataliã, do que o XX seculo europeu, o estilo não poderia ser melhor apropriado á materia. Como garantia da veracidade dos documentos recolhidos, temos o nome do professor Albert Einstein, presidente do Comité Internacional que procedeu á sua compilação, e um introito de Lord Marley, presidente efetivo do mesmo Comité. Nesse introito, Lord Marley declara que todos os documentos tomados em consideração pelo Comité foram cuidadosamente verificados antes de sua publicação e que todos os fatos relatados são típicos de uma serie de casos analogos, tendo sido omitidos os fatos individuais mais sensacionais, a-pesar-de autênticos.

O livro principia com uma breve síntese da história politica da Alemanha desde a fundação do "Partido Trabalhista Alemão", em 1919 até a queda do gabinete presidido pelo General Schleicher, em 30 de Janeiro de 1933.

Em substancia, contudo, e em virtude da evidencia do que se segue a essa parte, o livro constitue uma ter-rível e esmagadora acusação dos fins, dos métodos e do espirito do movimento nazi. Da queda do Gabinete Schleicher em diante, os acontecimentos são relatados com miúcias e uma grande parte do livro é dedicada ao dia 27 de Fevereiro, data do incendio do Reichstag. Eis como é all re-

latado o incendio do Parlamento Alemão:

POR QUE FOI INCENDIADO O PARLAMENTO

"Os nazis foram admitidos ao governo por Hindenburg, afim de abafar os escandalos dos empréstimos á Prussia Oriental, mas a sua situação estava difficil. Haviam entrado para o Gabinete sob condições restritivas e tinham contra si a Reichswehr, enquanto que os comunistas estavam quasi ganhando as eleições ás suas expensas. O dr. Goebbels, então, urdiu um plano, que foi aceito por Hitler e Goering, que consistia na descoberta de um imaginário vastíssimo "complot" comunista, descoberta essa que devia ser acompanhada por uma violenta campanha propagandistica. Em primeiro lugar, no dia 24 de Fevereiro, uma grande quantidade de documentos sensacionais falsificados, comprometedores para os comunistas, foi "descoberta" pela policia na "Casa de Liebknecht". Essas falsificações eram por demais inabêls e infamantes para enganar as proprias masas, tanto que Papen, Hugenberg, e Seldts censuraram a Goering, no Gabinete, ter lançado mão de tão ridiculo embuste. O Gabinete recusou aos Nazis a permissão de publicar as falsificações e a interdição do Partido Comunista (o que daria aos hitleristas a maioria no Parlamento). Em 27 de Fevereiro, a imprensa nazi iniciou uma furiosa campanha sobre a questão essencial. Nem Hitler, nem Goering, nem Goebbels tinham assumido o compromisso de falar na campanha eleitoral e ficaram em Berlim. As tropas de assalto mantiveram-se recolhidas nas suas tendas durante todo o dia, e o presidente do Reichstag, recolheu-se á sua residência a uma hora da tarde, contrariamente aos seus hábitos. Durante a tarde, uma grande quantidade de material inflamavel foi

(Continua na 3a. pag.)



"Todas as conclusões do processo nos conduzem a um único resultado: o incendiário do Reichstag foi Goering, o capitão morfomano, que não só possuía todos os meios para executar o crime como também a perversão moral necessária."

(Moro-Giafferi, do Comité Internacional Contra as Vítimas do Fascismo Hitleriano)

QUE SIGNIFICA ISSO?

Os jornais de S. Paulo e do Rio publicaram este telegrama: «FLORIANOPOLIS, 28 (II.) — Numerosos professores das escolas alemãs de S. Paulo, Paraná e Santa Catarina realizaram uma reunião em Blumenau, para estudar os meios de metodizar o ensino nas suas escolas».

Perguntamos: as escolas alemãs que funcionam no Brasil dependem dos departamentos de ensino daqui ou dependem da direção do partido nazista?

E' esta a primeira vez que se organiza no Brasil um congresso de escolas estrangeiras.

Para falar mais claramente, isso se deu só depois do advento do fascismo nos países europeus. Isso quer dizer que o fascismo europeu está agindo entre nós, mesmo por intermédio das escolas implantadas no estrangeiro.

Que acham de tudo isso os senhores integralistas?

Crônica do fascismo

Em prosseguimento das notícias publicadas no boletim de "L'Informazione Italiana", reproduzimos aqui novas informações acerca da condenação dos 152 "confinados" ou Ponza:

AGITAÇÕES E PRISÕES EM NAPOLES E SALERNO

Também na Itália, apesar da situação de terror que ali vige constantemente, realizaram-se manifestações de protesto e existe uma viva agitação.

Entre as massas trabalhadoras napolitanas a agitação em favor dos 152 confinados de Ponza estendeu-se até as camadas importantes de intelectuais e estudantes.

Durante a primeira quinzena de julho, foram distribuídos nas estradas e nas fábricas, muitos manifestos contra a condenação dos confinados.

Naturalmente a policia e a "Ovra" puseram-se logo á caça dos autores. Efetuaram-se numerosas perquisições, seguidas de mais de 100 prisões de operários, intelectuais e estudantes, que foram acusados de haver organizado células comunistas e de ter desenvolvido propaganda anti-fascista em favor dos confinados.

Também em Salerno foram presos numerosos ferroviários, pelas mesmas razões.

E' por isso que tiramos a conclusão de que o governo fascista não se sente tranquilo.

Os confinados devem ser libertados e a portaria-cabresto deve ser suprimida.

DOENTES TRATADOS A SOCOS E PONTA-PES

E' conveniente conhecer também este particular da deportação de Ponza. Os deportados Renato Pini e Giuseppe Vallarelli recolheram-se ao leito por se sentirem indispostos.

Chegada a hora da visita de controle, os doentes procuraram convencer os milicianos de que não estavam em condições de se levantar e que procurassem assinar a "ausência por moléstia" no registro do desfile matutino.

Os fascistas responderam-lhes, arrogantemente, que apresentassem o certificado médico. Os dois deportados objectaram que, sentindo-se indispostos na tarde do dia precedente, ainda não tinham tido a oportunidade de se submeter á visita médica, que é dispensada só de manhã, razão por que não possuíam o certificado.

Os fascistas não aceitaram essas explicações e como os presos repetiam ser-lhes impossível manter-se de pé, foram brutalmente obrigados a levantar-se e vestir-se, em seguida, conduziram-nos ao controle a sócos e ponta-pés.

DOENTES PUNIDOS COM O ISOLAMENTO

O socialista Alessandro Pertini, condenado por antifascismo em 1929, a 11 anos de reclusão, devido ás precárias condições de saúde, foi sempre preso nas chamadas "casas penais para doentes" (onde não recebem tratamento especial) — antes em Turin de Bari — o presídio em que Antonio Gramsci vem sendo assassinado aos

poucos e, posteriormente, na Ilha Pianosa.

Pertini, após uma ligeira discussão com o diretor do presídio foi transferido para a cela de rigor.

Esta punição significa: pão e água, táboa em lugar de cama, privação da hora de passeio, numa palavra, estar na situação de um enterrado vivo por tempo indeterminado.

Como sairá da cela o companheiro Pertini, que é tuberculoso?"

OS TRATADOS DE EXTRADIÇÃO

E' geralmente conhecido que o Estado Fascista assinou com muitos países (e também com o Brasil, N. d. R.) tratados de extradição, de modo a perseguir também no estrangeiro os seus adversários, e com o fim de facilitar a obra reacionaria do Estado policial.

Agora, dois antifascistas italianos presos em países estrangeiros estão ameaçados de serem entregues ao governo de Mussolini. Um é o operário Angelo Giangulano, que se encontra em Bilbao, na Espanha, e que foi preso unicamente por não possuir documentos consulares, visto que fugiu ilegalmente da Itália. O outro é o istriano Smotlak, que foi recolhido ao hospital austriaco de Klagenfurt.

Convém recordar que o governo austriaco já é responsável pela morte de um operário italiano, Marcelo Ferrarri, que se atirou do trem quando era conduzido á Itália."

PRISÕES EM DIVERSAS LOCALIDADES

"Durante o aniversario da entrada da Itália na guerra, foram efetuadas — como acontece todos os anos — milhares de prisões em toda a península.

Em Roma, foram detidas para mais de 1.000 pessoas, tendo sido condenadas pelo tribunal especial, cerca de 40. Na Apúlia, as prisões subiram a várias centenas.

Em Massa Carrara, a cerca de 30.

Como se vê, o "regime indestrutível" estremece ao mínimo movimento das massas, as quais aumentam cada vez mais a própria combatividade contra o fascismo, e cuja miséria é verdadeiramente indescritível."

Revolução Russa

L. TROTSKY

O QUE É A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Nenhum estudioso da questão social deve deixar de ler a extraordinária conferência realizada por Trotsky em Copenhague, em Novembro de 1932. Em perfeita tradução portuguesa, com um apêndice contendo a famosa carta do grande chefe bolchevique ao líder socialista Emilio Vandervelde, encontra-se á venda nesta redacção, ao preço de 1\$500 o exemplar.



"Todos os cidadãos alemães erguem-se espontaneamente aos acordes do "Horst Vessel".

(Dos jornais nazis.)

A COOPERATIVA MOVEIS E TAPEÇARIAS

Rua José Paulino, 80-A Tel. 4-0918

Correspondencia de "O Homem Livre"

F. L. — Está certo. A criação dos núcleos "Pró "O Homem Livre", tem, apenas, essa finalidade e o principio de organização está claramente expresso no apelo que publicamos em outra parte deste numero: o principio da frente unica dos antifascistas contra as diversas manifestações do fascismo entre nós.

H. T. R. — 1.o) Quanto maior o numero, tanto melhor...; 2.o) A resposta a F. L. serve para o vosso caso; 3.o) A série A constará dos núcleos formados em capitais de Estado; 4.o) os fundos recolhidos devem ser enviados para a rua do Carmo n. 11, 1.o andar, sala 3, São Paulo.

S. P. Q. — Não ha razão para não se unir na ação comum. Se outros pontos de vistas deles são contrários aos vossos, em questões que não tocam diretamente o antifascismo, não vemos motivos para abandonar a união na luta que interessa, indistintamente, a todos. O peor serviço que se pôde prestar á causa, neste caso, é, justamente, o sectarismo.

O Sporte Club Germânia curva-se diante de Hitler

Recebemos esta carta, datada de 5 de Setembro de 1933, sob a assinatura de X. X. pseudônimo sob o qual se esconde um alemão que pede desculpas por não poder assinar o seu nome verdadeiro, para não entregar os seus parentes na Alemanha ás fúrias vingativas dos Hitler, Goering e Cia.

"Hitler decretou que as associações esportivas, por ocasião de suas ses-

Os nossos fascistas

Para os nossos leitores que nunca ouviram falar do maior pintor desta bendita terra de Santa Cruz, é bom fazer a apresentação do sr. Virgilio Mauricio, irmão do ardoroso bispo de Bragança e autor duma papela da que tem por título «O trapalhão da Vida», cuja edição completa pode ser encontrada nos porões do «sebo» e no Gazeta.

No dizer dos seus amigos, Virgilio foi até hoje a unico pintor que obteve a consagração oficial da mais acreditada das exposições parisienses. Sempre segundo as informações procedentes da mesma fonte, um quadro da «sua» larva, «Après le réve», teria deslumbrado a «Ville Lumière» e feito desmaiar de comoção o bombeiro-mór da critica conservadora francesa, Camilo Monclair, aquelle que Jacques Ducour chamou de «sob inoffensif», o bobo inofensivo.

E' verdade, porém, que mau grado aquilo que acabámos de dizer, ninguém até este momento conseguiu ver o grande artista de pincel na mão. E há, também, quem sustenta que ele nunca pintou uma «route» sequer.

Esse é o destino dos génios verdadeiros. Como há quem negue que Shakespeare seja o autor de «Hamlet» de «Julietta e Romeu», assim hoje há malvados que sus-

tentam que os trabalhos de Virgilio foram adquiridos pelo autor nas «feiras livres» de pintura do Quai Médicis e de l'Avenue de Neuille, na capital da França.

Mas o nosso grande artista não é sómente pintor: ele é também um das glorias mais fulgurantes do nosso jornalismo. Como tal, noutros tempos, Virgilio Mauricio, juntamente com Brasil Gerson e Corifeu de Azevedo Marques, foi o redator da «pagina brasileira» do diário fascista «Il Piccolo», onde teve o bom gosto de publicar todas as cartas elogiosas que tinha recebido do desastrado autor da «Vida humilhada de Heines».

Portanto o pintor que nunca pintou é um fascista da velha guarda.

Nessas condições, logo de volta da sua ultima viagem á Europa, ele não podia deixar de dizer uma porção de bobagens acerca da situação politica e económica do velho mundo e, particularmente do fascismo luso-italico.

Numa entrevista fielmente recolhida por um Brummel do suburbio que, nas horas vagas, mijava nas colunas do «Fanfulla», o irmão de d. José Mauricio expeliu as considerações que vão seguir:

«A Europa está doente; muito doente. Atravessa neste momento uma das fases mais afflictivas da sua vida e da sua história. Miséria generalizada, convulsões politicas, exércitos de desempregados. Sómente a Itália e Portugal escapam a essa realidade cruel; mas na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Austria, na Hungria e noutras nações, o estrangeiro sente-se atenuar a alma pelos sofrimentos que atormentam todas as classes sociais».

«Nesse espetáculo de desolação da Europa contemporanea, a Itália constitue uma espécie de oásis onde há homens que constroem».

Pelo que acabam de ver, os nossos leitores se apercebem já que o Virgilinho é mais realista do que o rei, isto é, mais fascista do que os escribas do «fascio». Com effeito, o mesmíssimo governo de Mussolini declara que a Itália conta com mais de um milhão de desempregados.

Quando a estatística mussoliniana diz «um milhão», pode-se ler: três milhões. E' esta uma cifra mais próxima da verdade.

Diariamente lemos cartas que chegam da Itália e repetem todas o mesmo estribilho: a fome crônica que assola a Península e que não constitue a ultima maldição do fascismo.

Aonde foi o Virgilio Mauricio estudar o regime fascista? Nos museus? Nos caburés? Nos hotéis de luxo?

Esteve ele nas usinas, nos campos, bairros operários? Compartilhou da vida dos trabalhadores como tem feito Alfredo Kurella, que, há pouco, voltou da Itália, trazendo uma reportagem horrozante?

Não é só; o pintor que ninguém não viu pintar tem a ousadia, para não dizer a desfaçatez, de opor o inferno francês ao paraíso fascista. Agora é bom que ele saiba que na França vivem e trabalham centenas e centenas de milhares de italianos; centenas de milhares de italianos que, para não morrer de fome, tiveram que deixar o... paraíso do «Duces».

O Virgilinho não sabia disso? Tome nota, então, e seja mais prudente noutra ocasião.

HEIMATLOS.

"MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefácio de Medeiros e Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

Gráfico Editora Unitas Ltda.

O terror hitleriano

(Continuação da 1a. pag.)

levada da casa de Goering, pela passagem subterrânea que a liga ao Parlamento, até este, por alguns milicianos das tropas de Assalto sob a direção do famigerado Heines e de Goering. Van der Lubbe um renegado comunista holandês que mantivera por algum tempo relações estreitas com alguns dos mais proeminentes chefes Nazis, foi deixado no edifício, com "papeis comunistas" e com instruções de culpar os social-democratas tanto quanto os comunistas. Alguns minutos depois de declarar o incendio, Hitler, Goebbels e Goering apareceram no Reichstag.

Pouco depois, Van der Lubbe foi preso e, em seguida, juntamente com Torgler, o líder comunista, e tres bulgaros acusados de ter atecido fogo ao Parlamento.

AS PROVAS

As provas dadas em apoio dessa historia são de quatro especies: primeiro, as circunstancias evidentes da situação politica em geral; segundo, o memorandum preparado pelo Nacionalista dr. Oberföhren; terceiro, as contradicções numerosas e sérias contidas no relatório oficial nazista e quarto, varios trechos de informações colecionadas pelo proprio Comité Internacional. Sabe-se pela situação geral, que apenas os Nazis poderiam ter tirado proveito do incendio, e que é politica declarada dos comunistas evitar todos os atos de provocação. No memorandum de Oberföhren, aqui citado quasi integralmente, pôde-se colher um grande numero de informações até aqui inéditas. O dr. Oberföhren estava encarregado da campanha eleitoral nacionalista, e posteriormente escreveu e fez circular secretamente um memorandum sobre os acontecimentos que precederam o incendio. Isso foi descoberto no fim de Abril... e o dr. Oberföhren é encontrado morto, segundo a imprensa Nazi. O memorandum afirma que "o dr. Goebbels, sem escrupulo algum", preparou o plano para as falsificações da "Casa de Liebknecht" e para o incendio; e segue-se a historia das discussões dentro do Gabinete, e a introdução eventual dos incendiarios no Reichstag por Heines através do subterraneo. Das 30 ou mais condições contidas no relatório oficial, a mais importante refere-se ao sr. Torgler, que é acusado de ter deixado o Reichstag cerca das dez horas; mas varias testemunhas independentes provaram que ele saíra ás oito e um quarto, e que estava em outra parte de Berlim, na ocasião do incendio. As provas colecionadas pelo Comité do Professor Einstein são multiplas, mas mostram entre outras coisas que Van der Lubbe mantinha relações intimas com certos líderes nazistas, que era impossível deixar o Reichstag depois das nove horas, excepto pela passagem para a casa de Goering, e que o proprio Goering declarou em um momento de distração, que os incendiarios se tinham escapado por aquele caminho; que Dimitrov, um dos bulgaros detidos estava em Munique no dia em que alegaram tê-lo visto em Berlim com Van der Lubbe; e que o sr. Gemp, diretor do corpo de bombeiros de Berlim, revelou (depois de ter sido detido) que o corpo de bombeiros foi chamado muito tarde, o que Goering impediu-o de tomar medidas adequadas para a extinção do fogo. Depois da compilação do "Livro Pardo", pelo Comité do Professor Einstein, novas e importantes informações vieram á luz. Relata o correspondente especial do Manchester Guardian que o sr. Torgler suspeitava

da conspiração do incendio do Reichstag varios dias antes de 27 de Fevereiro, o que revelara a sua suspeita em um discurso no Conselho de Estado Prussiano a 23 de Fevereiro (cuja ata é agora impossível de obter). Parece, de fato, que os Nazis tinham tão boas razões para desejarem desembaraçar-se do sr. Torgler como do dr. Oberföhren e do dr. Bell (que sabia algo de verdade a respeito do incendio e foi assassinado pelos Nazis na Austria). Na segunda parte, o livro dá uma narração autentica e bem documentada, com fotografias, dos "campos de concentração" e outras formas da brutalidade Nazi, agora geralmente conhecidas fóra da Alemanha. Acentua-se que esses metodos não são simples explosões esporádicas, mas consequências diretas de incitamento pelos líderes Nazis (Mesmo que só pudesse atirar, á queima roupa, atiraria de qualquer modo" e Goering em Essen, 11 de Março, de 1933). O Comité estima que 60.000 pessoas foram sujeitas a violências desde 27 de Fevereiro, e que, em Julho, mais de 25.000 estavam nos campos de concentração. Diferente de algumas das atrocidades originaes, os campos de concentração são instrumentos permanentes de crueldade, onde a oportunidade para sadismo fisico e mental continuará provavelmente tanto, quanto durar o regime nazista. Um escritor mod. rão, que provavelmente não se apoia no marxismo, conclue no Times uma longa descrição de um campo de concentração Nazi, com a seguinte nota: — O visitante deixa o campo com um sentimento de repulsa. Sente-se culpado de qualquer coisa que se aproxima da indecência, por se ter permitido testemunhar tratamento tão desumano, imposto por homens crucis sobre o seu proprio sangue e carne." O Comité possui também informações definidas de quinhentos assassinios efetuados pelos Nazis desde 2 de Março; nada menos de quarenta e tres judeus foram assassinados, pelo simples fato de serem judeus. O livro é além disso ilustrado com fotografias de Hitler, Goering e Goebbels ocupados em falar ao publico, e por fotografias de um cartão registrado, de um asilo de Langro, (Suecia) que recorda a admissão de Goering, em 1925, e de certificado de um medico de Stockolmo de que "O capitão Goering é um morfínomano" e que por conseguinte a sua casa é "impropria" para seu filho. Ha também uma narração detalhada da campanha contra a cultura e da perseguição a todos os artistas e cientistas "anti-germanicos". Recorda-se que as obras do Professor Einstein foram queimadas em publico — para não mencionar as de André Gide, Proust, Zola, Emil Ludwig, Thomas Mann e inumeros outros. A confirmação por provas inteiramente dignas de confiança das peores suspeitas a respeito do incendio do Reichstag e do terror hitleriano, provavelmente produzirá um choque de repulsa e horror através do mundo civilizado. E levantará também a questão de saber si o direito de igualdade de Estado entre as nações, pode ser reclamado por um Governo que, sem olhar os canones ordinarios de justiça e humanidade, vingasse nos seus proprios compatriotas.

(Do "Economist", de 2 de Setembro).

(1) O "Livro Pardo do Terror Hitleriano e do Incendio do Reichstag", compilado pelo Comité Internacional sob a presidencia do Alberto Einstein — Gollancz.

Aos amigos do "O Homem Livre"

"O Homem Livre" não pode suspender a sua publicação

Há poucas semanas fizemos um apêlo aos nossos amigos, no qual procurámos mostrar que o "O Homem Livre", unico jornal antifascista que circula atualmente em território brasileiro não poderia continuar a viver sem o AUXILIO DIRETO dos antifascistas, uma vez que a sua existência é garantida unicamente pela boa vontade e pelos esforços de um grupo de elementos que se comprometeram da importancia desta luta para os nossos destinos politicos.

Vários amigos de "O Homem Livre" responderam ao apêlo, reafirmando a sua devoção á causa.

No entanto, o que se fez, ainda está longe do que se deveria e poderia ter feito.

Não o afirmamos para censurar os nossos amigos, mas para despertar-lhes a atividade que cada um é capaz de desenvolver em favor da campanha contra o obscurantismo fascista.

A luta em que estamos empenhados é difícil e requer de nós todas as energias de que dispomos. E' preciso dizê-lo claramente: os inimigos que devemos enfrentar são poderosos, pois dispõem do controle de todos os meios aptos a nos esmagar e, além disso, contam com aliados igualmente fortes.

Nessas condições, os antifascistas devem compreender que o seu apoio deve ser decidido, enérgico e, sobretudo, CONSTANTE.

A circulação de "O Homem Livre" representa entre nós uma arma poderosa contra o integralismo mas, para que essa arma se fortifique, tornando-se mais eficiente, precisamos de auxilio. Para isso, temos em nossa redação, cartões de subscrição cujo resultado será utilizado para garantir a vida do jornal, melhorá-lo, aumentar a sua tiragem. Como um

dos meios para alargar a sua divulgação, sugerimos aos nossos amigos a constituição de NUCLEOS PRO- "O HOMEM-LIVRE". Esses nucleos poderão ser formados de quantos antifascistas estejam dispostos a lutar, sem distincção de tendências partidarias ou simplesmente, ideológicas. As suas finalidades serão: 1.a) angariar fundos para as despesas da publicação; 2.a) desenvolver a sua divulgação; 3.a) centralizar a colaboração.

Todos os verdadeiros antifascistas terão, assim, a possibilidade de desenvolver um trabalho pratico contra o fascismo. E é só trabalhando que se pode vencê-lo. Enquanto a inércia for a característica dos antifascistas, o fascismo continuará a desenvolver-se e aqueles que fôrem, depois, por ele esmagados, não terão sequer o direito de lastimar a sua derrota, pois terão contribuido, com a sua abstenção, para a vitória do inimigo.

Antifascistas do Brasil! Sentido!

Subscrição de solidariedade ao "O Homem Livre"

Geraldo Ferraz criticou, há dias, pelas colunas do «Diário da Noite» um quadro do pintor Hugo Adami, caracterizando o seu autor como propagandista do fascismo. Em «resposta», um grupo de fascistas abriu uma subscrição por intermedio do «Fanfulla», para oferecer o quadro ao Circolo Italiano. Revidando essa atitude, um grupo de trabalhadores da Mooca nos remeteu uma contra-subscrição de solidariedade ao nosso jornal.

A significação do gesto dos operários italianos vai além da importancia recolhida, demons-

trando que si os graúdos da colonia mussoliniana aplaudem ao pintor cortezão, os verdadeiros italianos, aqueles que trabalham, estão conosco.

Sottoscrizione di solidarietà con Geraldo Ferraz, crítico d'arte del «Diário da Noite» e direttore di «O Homem Livre», ingiuriato dal «Fanfulla» per aver criticato un quadro de Hugo Adami intitolato «Viva il Duce!».

(La somma raccolta sarà destinata al giornale antifascista «O Homem Livre»).

Aldo Messina	2\$000
Hugo Ramacciotti	3\$000
F. Bini	2\$000
S. Silvio	2\$000
F. Retefori	2\$000
I. Adello	1\$000
F. Rosetta	2\$000
Luigi Santarelli	1\$000
Nino Olivieri	3\$000
Tomasi	1\$000
Giorgio Camiato	2\$000
F. Berremo	2\$000
Ugo Vittori	2\$000
Italo Carbonelli	1\$000
A. Donati	1\$500
B. Vittori	1\$000
Turistano	1\$000
Total	29\$500

Aplaudindo ao protesto dos companheiros italianos:

Mário Pedrosa	1\$000
Ivone Galdo	1\$000
Mário Xavier	2\$000
E. Atrano	1\$000
B. Barreto	1\$000
M. Ruas	2\$000
Calisto Garcia	2\$000
Livio	2\$000
Chico V.	2\$000
José Morais Andrade	1\$000
Paulo Meirelles	2\$000
Barros Ferreira	2\$000
Vicente Fusco	2\$000
Plínio Rolim de Moura	2\$000
N. N.	2\$000
Total	57\$500

O dever das organizações operárias

O fascismo é, antes de tudo, a defesa da burguesia contra o proletariado. Si bem que, por força das circunstancias, as proprias organizações burguesas devam sofrer as consequências da disciplina severa que o fascismo significa para a classe capitalista em seu conjunto, as primeiras vítimas são, necessariamente as organizações operárias. E' o proletariado que a burguesia teme mais do que tudo. Arrancando-lhe todos os meios de combate, destruindo-lhe os sindicatos e esmagando-lhe os partidos, a burguesia tem a possibilidade de estabelecer ainda, por um prazo relativamente longo, um certo equilibrio de sua podridão económica e politica. A Itália é a illustração mais expressiva desse equilibrio. A Alemanha segue-lhe o exemplo. E todo o mundo capitalista se prepara, hoje, para fazer o mesmo.

Até no Brasil, onde não existe um proletariado suficientemente organizado para ameaçar, mesmo de longe, o poder da classe dominante, o fascismo principia a desenvolver-se. O caráter mundial da economia capitalista determinou, a uma crise mais profunda, a necessidade de uma politica mundial correspondente: o fascismo universaliza-se. Os aventureiros sem eira nem beira não poderiam encontrar melhor ocasião para um ensaio. Os Plínio Salgado, os Gustavo Barroso, os J. Fabrino, os Miguel Reale e todos esses detritos que se amontoam na periferia da sociedade contemporânea, não têm outro meio de subir sino o de se transformarem em mercenários e lacaios. Isso está na lógica das coisas. A literatura nunca foi um negócio muito rendoso nem muito seguro. Era preciso aliá-la a algo de mais concreto, que falasse mais de perto ao estô-

mago e á bolsa. Ora, si os operários são mal pagos, é precisamente para que a burguesia remunere melhor os seus valetes. Com os seus botões, Plínio Salgado há de dizer que a arte de lamber as botas, si não é muito difícil nem requer aprendizagem, é entretanto bastante incômodo: pode ferir a lingua num prego mal colocado.

Os fascistas brasileiros têm bons aliados. No governo, como no exercito, existe gente disposta a não medir sacrificios para garantir a prosperidade do bando. E' explicável: — quando o fim é o mesmo, porque não se fazer uma aliança quanto aos meios para atingi-lo? Não vemos porque um ladrão não possa combinar com outro as medidas praticas para o assalto. Quando a empresa é muito arriscada, não só salteadores mas até grupos de salteadores podem unir-se. Ora, existem muitos, tudo depende das conversações preliminares. E é o que se está fazendo, não é verdade?

Plínio Salgado não joga no bicho, nem compra bilhetes, nem tem dinheiro na Caixa Económica. Contudo, porém, com bons amigos, resolveu fazer uma viagem. Esteve no norte, percorreu todos os Estados. Deitou falação, organizou grupos, deu instruções, conversou com sacerdotes e officiais. Todos de pleno acordo. O caixa-viajante soube vender a mercadoria da casa. Para que jogar, si os patrões pagam bem?

Amanhã, toda essa gente estará no poder. O Brasil será um grande trust de banditismo. A Religião, a Família e a Propriedade formarão o lema da nova bandeira. E, por balço da podridão impurante, toda a grande massa do povo.

As organizações operárias, já o dissemos, serão as primeiras vítimas. Só haverá um partido — o fascista; um poder — o fascista; uma imprensa — a fascista. Em nome da Religião e da Propriedade, a Família burguesa continuará a matar de fome, sem riscos imediatos, milhões de famílias proletárias.

Os acontecimentos não esperam e a sua marcha nunca foi tão acelerada como na atualidade. Si os operários não reagirem, si não organizarem os seus grupos de combate desde já, amanhã será tarde demais.

O proletariado do Brasil está dividido pela luta de tendências. Seria utópico pretender que as divergências desaparecessem por um simples acordo entre os vários agrupamentos e partidos. Por um lado, essa luta é mesmo salutar, porque ensinará a encontrar o caminho justo. Mas não é, de modo algum, motivo para que se deixe de fazer, momentaneamente, a frente unica contra o inimigo comum. Que os operários conscientes se rebellem contra os seus líderes que não querem lutar!

A Frente Unica Antifascista foi feita. E' muito pouco. Não basta aderir formalmente ao antifascismo. As organizações aderentes precisam ter atividade e uma atividade em comum, sobre uma unica frente de batalha. Não existe lugar para os fracos e os covardes. Os operários precisam lutar, si não quiserem morrer.

R. PIRAJÁ'

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo
Advogados
Rua São Bento, 58 — 2.º andar
Tel. 2-3780



CASA MILION
ALFAIATARIA E ROUPAS FEITAS
Rua Sta. Efigênia, 139

O PLANO DE NACIONALIZAÇÃO BANCÁRIA DO PARTIDO TRABALHISTA INGLÊS

Uma das últimas publicações do partido, preparatórias da Conferência que se realizará em Hastings durante a primeira semana de Outubro, trata do "Socialismo da condição do povo" e inclui o projeto de fusão Big Five, como são geralmente denominados os maiores bancos da Inglaterra, isto é, o Midland, o Lloyds, o Barclays, o Westminster e o National Provincial. O plano é baseado no caráter do monopólio virtual que têm estes bancos dos depósitos bancários no país e se realizaria pela fusão dos Big Five, consequente à aquisição pelo governo das suas ações. Assim, o governo teria o direito de nomear os diretores, e concentraria numa pequena e pouco dispendiosa direção o trabalho exigido, atribuindo ainda parte das verbas assim economizadas à criação de um departamento de estatística e pesquisa realmente eficaz.

O governo indicaria as linhas gerais da política bancária e faria com que a Corporação bancária resultante da fusão dos Big Five cooperasse com

o Banco da Inglaterra também socializado, e com o futuro National Investment Board, em vista do "plano de desenvolvimento nacional".

As ações que representam somente 50% do capital dos cinco bancos, sendo o restante fornecido pelos depositantes, seriam adquiridas "por preço justo e equitativo". As autoridades públicas nacionais ou locais, teriam o direito de opção na compra das propriedades dispensáveis e que seriam adaptadas à serventia pública.

A direção da Corporação Bancária, conquanto sujeita à obrigação de cooperar com as instituições encarregadas de pôr em prática, a política financeira do governo, teria poderes, quasi

discrecionários quando se tratasse de aplicações particulares de crédito, especialmente no caso de créditos para particulares e firmas.

O Parlamento conservaria o direito de discutir e criticar as linhas gerais da política bancária exposta pelo ministro responsável. Para evitar o perigo da perda de posição líquida, da corporação no fornecimento de créditos para a indústria, será criada uma nova instituição de crédito, conforme as recomendações da comissão Macmillan, mas como propriedade pública e controle do governo, para conceder créditos às indústrias e à agricultura.

Essa instituição assumirá, sob uma avaliação razoável, os créditos bloqueados deixados pelas antigas organizações. Os outros bancos e casas bancárias serão fundidos também ou no Banco da Inglaterra ou na Corporação Bancária. A cidade de Londres e o mundo financeiro em geral, afirma o relatório em questão, carecem de uma reorganização drástica em benefício da indústria produtiva.

Cartões de visita em relevo

POR METADE DO PREÇO!
Procurar PLÍNIO — Rua 3 de Dezembro, 12-5.º andar - sala 8

Soldados e Bestas

Em discurso recente, o deputado hitlerista Hinkel, o que vale dizer uma das bocas de Hitler, pois ninguém, na Alemanha pensa mais nem fala mais senão pela cachola e pela boca de Hitler, declarou que "um soldado das seções de assalto serve melhor à causa alemã que cem bestas intelectuais."

Esqueceu-lhe acrescentar: ... hitleristas. Sim, porque os intelectuais que se não conformaram com o nazismo e não andam aos pés do ex-plotor de paredes austriaco, estão no seu verdadeiro papel e não podem ser incluídos na classificação do boçalíssimo deputado hitlerista. Quanto aos que, amovidos, estão de rojo deante do nazismo, só merece palmas o brutamonte em assim classificá-los.

Em que categoria de bestas será classificado o sr. Gustavo Barroso, todo cheio de penduricalhos, se o "chefe nacional", na sua qualidade de superbesta, fizer a classificação dos cretinos que o acompanham agora nas suas excursões às "provincias"?

E a propósito: porque será que a polícia veda qualquer atividade comunista, a ponto de baixar "canôas" nas celulas e permite a propagação do "ducicolo" paulista, cujo intuito é também a destruição do Estado democrático? Será porque não o leva a sério, como ele o merece?

Tipogr. Frankenthal

Rua José Paulino, 49
Tel. 4-6066

Na ribalta do escândalo

«Um partido que se transforma em Casa de Orates»

«O integralismo» nunca foi levado a sério. Nesta capital o fracasso da nova «doutrina», cujos princípios fundamentais se assentam em «marchas», foi completo. Não chegou a ser ruído, porque ninguém dêle tomou conhecimento. Entretanto, os aventureiros que organizaram o «integralismo» julgaram que o Norte poderia ser um vasto campo para suas operações. E, um belo dia, lá se foi o chefe das hostes em excursão pelos Estados do Septentrião. Novo fracasso. No Ceará, por exemplo, a conferência do «chefe» acabou debaixo de formidável via. Em Pernambuco, a mesma coisa. Por toda parte, o integralismo era apupado. O Norte, pelas suas necessidades etnológicas, pelos seus fenômenos biológicos, pelas suas aspirações coletivas, parecia-lhe fadado a aceitar as ideias «salvadoras» do integralismo. Felizmente, os nortistas tiveram juízo e compreenderam

que o Brasil não pode ser arrastado a uma aventura ridícula, que só poderá causar prejuízos à sua reconstrução moral e econômica. Desde então, o «integralismo» não apareceu mais no cartaz da publicidade. Os seus corifeus, aliás, em numero reduzido, se recolheram à sombra do silêncio.

Agora, porém, voltou ele à ribalta do escândalo. Numa reunião que se realizou num cinema de S. Gonzalo, os «integralistas» promoveram um «rôlo» alucinante, que forçou a intervenção da polícia, para acalmar os animos exaltados dos «reformadores». O barulho aliás foi provocado pelo dissídio entre os próprios membros do partido. Questões de família, onde todos mandam e ninguém se entende. Foi isso a assembleia dos «integralistas». «Casa de Orates». Os seus oradores divergiram fundamentalmente na defesa das ideias. Quer dizer que o «integralismo» não tem princípios. Cada um pensa como quer e, daí, o conflito que a polícia teve de acalmar. Ora, não sabemos como os pandegos do «integralismo» pensarão em engrossar as suas fileiras, se, dentro delas, tão novas e tão debeis, já reina a indisciplina e a desordem. A disciplina é a base fundamental de todas as organizações. Quando os seus membros se entregam às brigas, esquecendo as suas responsabilidades, vae tudo por água abaixo... E foi o que aconteceu com a família «integralista»...

(Do Diário Carioca, de 15-8-1933).

Malharia Loslowski

Rua José Paulino, 50
Tel. 5-4163

Obrigações — Bonus Promissórias

C. I. T. A. mantém um excelente serviço de informações sobre valor, vantagens e condições dos títulos públicos.

Fazei vossos negócios por intermédio de

C. I. T. A. LDA.

Direção de Percy D. Levy
São Paulo — Santos — Rio
Caixa Postal 5710 (S. Paulo)

Queremos conhecer o "home"

O órgão hitlerista de Munich, «Voelkischer Beobachter», num numero anterior de poucos dias ao Congresso de Nuremberg, publicou a seguinte nota que traduzimos da revista parisiense «Luz» (N. 35):

«Lista dos representantes dos países que comparecerão, na qualidade de hóspedes de honra, no Congresso nacional-socialista de Nuremberg:

«Estônia, Dinamarca, Bolívia, Egito, Portugal, Haiti, S. Domingos, Perú, Bulgária, Lituânia, China, Persia, Argentina, Noruega, Rumania, Letônia, Suíça, México, Sião, Hungria, Grécia, Estado Livre da Irlanda, Finlândia, Guatemala, Turquia, Itália, Afeganistão, Cuba, Nicaraguá, Brasil».

O que á primeira vista resalta aos olhos do leitor, é a presença ao congresso nazista de países que, na quasi totalidade, figuram entre os mais atrasados do mundo. Por uma curiosa fatalidade, o Brasil foi posto mesmo na rabeira. E, sem duvida, uma atenção especial dos arianos puros da Alemanha para com um povo «africano».

Agora, é pena que o jornal nazista tenha occultado os nomes dos que representaram os países acima nesse certame de bandidos. E' pena, também, que fique o cavalheiro que, «sem mandato de ninguém», teve a cara-dura de falar «em nome do Brasil» perante os bandoleiros reunidos em Nuremberg. Por isso, destas colunas pedimos ao «home» que deixe de lado a modestia tire a máscara para nos permitir de ver-lhe o focinho de suino.

“Os arreganhos do fascismo no Brasil”

A seguir, transcrevemos a conclusão do artigo publicado pelo «Diário da Tarde», de São Luis do Maranhão, cuja primeira parte foi por nós reproduzida em nosso ultimo numero:

«Omne ignotum pro magnifico»...

Tácito, ao proferir essa sentença, por certo tarabeizava que no Brasil, um dia, surgiria um partido integralista, com umas ideias e modos misteriosos, cheio de insinceridade, e nos quiz poupar, decerto, ao trabalho de creá-la...

E essa sentença ia ser necessaria, porque só parece que o plinianismo visa, apenas, isto: estabelecer a confusão no espirito do povo, tornando as suas ideias o mais desconhecidas possíveis, para serem tidas por magnificas e para que, assim, o povo cáia, com mais facilidade, na cilada.

Foi, pelo menos, o unico juizo que pudemos formular, lendo o «Manual do Integralista», um dos «mosaicos de deshonestidades intelectuais», pois, após botar-nos á vista acervos de palavras desconexas, sentenças que eram contraditas, mais adiante, por outras, nunca nos permitiu chegar a uma conclusão lógica do que ali se queria dizer, donde se evidencia a má fé, os propósitos mistificadores dos «camisas verdes».

Haja vista o «homem integralista»... O que é esse homem? Ninguém sabe... Para o explicar, os homens que têm por emblema o «sigma» grego não foram nada «integrais»!

O próprio «Estado Integralista», esse conúbio de um absolutismo revoltante sobrepondo-se a todas as consciências, com o «sórdido e hipócrita clericalismo», estava disfarçado com tal «engenho e arte», que impossível seria á massa trabalhadora, á massa popular, deizada, muito a propósito, pela burguesia, na ignorancia, trazê-lo á luz do raciocínio.

Mas, esse pequeno estudo permite-nos subentender que no regime integralista continuará a exploração do homem pelo homem, porque será mantido o privilégio de classes.

Numa antevisão, contemplemos o Brasil integralista. Lembremo-nos de Prometeu. Façamos uma paródia. E poderemos dizer: o Proletariado, um dia, creou e deu vida ao ideal de libertação do jugo burgues. O fascismo, para lhe castigar a audácia, amarrou-o, passivo, no alto da cupula da igreja romana, onde o abute capitalista lhe vai roubando a força de trabalho, continuamente, á proporção que vai renascendo!...

Esse estudo permite-nos antever o homem brasileiro, inconsciente da sua personalidade, indistinto, vacilando entre o individualismo, o coletivismo, o liberalismo e a escravidão, sem força de agir, de pensar, de querer, de aspirar alguma coisa, sob o peso exercitiano dessa tirania absolutista-clerical, com a consciência esmagada, acachapada debaixo do jugo odioso do escravidão «Estado Integralista».

Permite-nos antever o Brasil como «a Itália depois de treze anos de ditadura integralista», onde «as prisões e as ilhas regorgitam com um numero cada vez maior de homens e mulheres que, representantes de classes sociais não tiveram as suas aspirações satisfeitas; e, paralelamente, um numero crescente de desocupados que, segundo as próprias estatísticas oficiais, longe de exprimirem a verdade, são em numero superior a um milhão» («O Homem Livre», de São Paulo).

Permite-nos antever o Brasil, como a Alemanha, onde duas classes supremas, o nazismo e o clericalismo, imperam, esmagando as outras, matando operários a machado nos presídios entulhados, onde «o antisemitismo, essa paixão indigna de um país civilizado», segundo Lalo, pratica selvagerias horripilantes e onde (ho! barbaridade troglodítica!) logo de entrada foi incinerada a inteligência condensada em dez mil livros!...

Eis o que nos espera no regime fascista-pliniano!...

Essa doutrina, pois, nem pode ser chamada de Ideal pois o Ideal é um avanço do pensamento ao encontro de algo que a força da evolução, já, mais tarde, ser realidade, e o integralismo retrograda para ir buscar um Estado caduco, uma organização social fossilizada, fantasiada com umas tinturas de inovação, um governo bárbaro, que se ainda vive na Itália e na Alemanha é em virtude do fanatismo desses povos pelos tabús clericalescos e militaristas.

E o fanatismo, segundo Ingenieros, «é uma conspiração de hostes, para sufocar a verdade alheia».

Não é digno, pois, de quem tem caráter, de quem tem brio, de quem tem dignidade, de quem se ufana de raciocinar. E' próprio dos mediocres!...

Como vêm os srs. integralistas, seguimos á risca o conselho dado no distico do seu Manifesto de Outubro de 1932, de meditarmos sobre essas ideias sob promessa de que elas nos levariam a inscrevermo-nos no nucleo mais proximo da Ação Integralista Brasileira...

Fizemo-lo.

Meditamos.

E essa meditação nos levou a afirmar categoricamente que as IDEIAS DO PARTIDO INTEGRALISTA DENUNCIAM O INTUITO UNICO DE MISTIFICAR E TRAIR A MASSA TRABALHADORA!

VITOR HUGO BELLARD.

Todos os anti-fascistas que não quiserem tornar-se cúmplices da vitória do fascismo, têm o dever de lutar pratica e constantemente contra as suas investidas.

Composto e Impresso na Typographia PAULISTA — J. Bignardi & Cia. — Rua Jandaia, 10 e 12 — S. Paulo